

5

Considerações finais

Seguindo a estrutura apresentada no início dessa dissertação, se buscará também nessa última etapa, de forma a fechar o ciclo, apontar para aspectos da sociedade de acolhida e da sociedade de origem que se considerou serem fundamentais para a compreensão do processo de (re)construção identitária vivido pelo grupo de estudantes cabo-verdianos pesquisado no Rio de Janeiro.

No Brasil, país de destino desses jovens, as migrações desde muito cedo estiveram relacionadas à temática “racial”. Assim, se em um primeiro momento foi possível localizar o predomínio de uma ideologia que, adaptada ao cenário brasileiro, buscou enxergar na mestiçagem uma fórmula para o branqueamento da população, através do contato com os chamados “povos adiantados”, nos anos 30 Gilberto Freyre apresentou uma nova leitura do mestiço, sem tentar anular as contribuições negras à nação. Mas, ao ser o mestiço convertido em protagonista da singularidade nacional, teve lugar no país um gradual processo de “desafricanização” dos elementos culturais.

No período seguinte, vários foram os autores – como Costa Pinto, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Roger Bastide, entre outros – que buscaram demonstrar como a mestiçagem coexistia com um racismo velado e sutil, abrindo caminho ao estabelecimento do moderno movimento negro que, na década de 70, rompeu com os movimentos assimilacionistas ou integrativos da primeira metade do século XX. Percorrendo o caminho inverso, se tentou promover a recuperação dos aportes afro-negros à sociedade, uma busca que, mais tarde, revelaria ser um primeiro passo em direção à institucionalização de medidas multiculturais, como sugere a implantação das atuais políticas de identidade. Tais políticas vêm promovendo uma maior visibilidade do tema “raça” na sociedade, em compasso com uma valorização de uma identidade afro-referenciada, como sugere o

aumento do número de negros na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)¹.

Mas como se trata de um processo, é possível localizar continuidades para além das rupturas e, nesse sentido, pode-se afirmar que percepções fluidas de cor e “raça” coexistem com uma leitura bipolar da classificação “racial”, predominante em determinados segmentos da sociedade. Essas diferenças estão em geral associadas a aspectos como classe social, grau de instrução e faixa etária.

Direcionando o olhar para a sociedade de onde partiram os pesquisados, também foi possível tecer associações entre as migrações e as relações “raciais”, assim como constatar a grande influência das idéias de Gilberto Freyre sobre mestiçagem. Tais idéias foram apropriadas e selecionadas, de forma a atender aos interesses de uma elite letrada, que passava a se destacar do resto da população por meio da educação. Bem-sucedida na tentativa de driblar o aspecto “racial” como única via de ascensão social, a elite cabo-verdiana buscou construir um discurso que punha ênfase na assimilação cultural, através da qual “extirpava” a herança negra estigmatizada. Tornar-se mestiço ou crioulo, além de remeter a questões biológicas, também significava a adoção dos valores culturais da metrópole. Nesse sentido, as idéias de Freyre sobre a mestiçagem, embora tenham produzido um resultado bastante similar, parecem ter percorrido caminhos bastante distintos num e noutro país. Em Cabo Verde, inversamente do que ocorreu no Brasil, que empreendeu a valorização dos não-brancos e, sobretudo, do negro, chegou-se ao elogio do mestiço através de uma valorização das idéias e valores da metrópole e de um afastamento em relação à negritude e à África. Uma aproximação de Cabo Verde com o continente africano ocorreu na década de 70 e após a independência do país, mas esse contato não chegou a alterar o olhar do ilhéu sobre a mestiçagem que, assim como no Brasil, havia sido convertida em especificidade nacional.

Esse histórico crioulo da nação também foi determinante para a representação construída sobre os deslocamentos, vistos como uma especialidade nacional. De fato, Cabo Verde é um país onde há mais cidadãos residindo fora do que dentro dos limites do arquipélago, sendo possível deduzir o papel de relevo

¹ De acordo com a sondagem, a parcela da população que mais cresceu em 2006 foi a de negros (1,345 milhão), ao mesmo tempo em que se registrou uma aproximada redução do número de pardos. Segundo analistas citados pelo jornal, os dados levam a crer que aqueles que antes se identificavam como pardos hoje se declaram negros (Fonte: O Globo, 15/09/2007).

atribuído à mobilidade espacial. Como se buscou destacar, a partida é considerada parte constitutiva da cabo-verdianidade, na medida em que ao sair do país os ilhéus reafirmam a tradição local, ao mesmo tempo em que fortalecem a nação além das fronteiras do arquipélago. Essa tradição se constrói a partir da idéia de que a identidade cabo-verdiana, híbrida e mestiça, é particularmente favorecedora da adaptação a outras culturas. O cabo-verdiano é um “camaleão”, definiu uma das entrevistadas.

Nesse sentido, é possível afirmar que ao deixarem o arquipélago para estudar esses jovens são, simultaneamente, submetidos a um rito de passagem que também os constrói como cabo-verdianos. Assim, sendo ao mesmo tempo um projeto individual e coletivo, o deslocamento é visto como uma via de ascensão social e como um traço constitutivo da identidade nacional.

Como se procurou destacar, a experiência no exterior provoca importantes mudanças nesses sujeitos. Se na sociedade de origem predomina uma noção coletiva de pessoa, na brasileira esses jovens se vêm temporariamente convertidos em indivíduos, momento em que passam a ter uma maior ingerência na administração de suas vidas. Também é na vinda para o Brasil que esses estudantes se constroem ou se reafirmam enquanto elite, processo que se completará quando da reincorporação à sociedade de origem. O retorno – nos casos em que isso de fato ocorrer – deverá provocar mudanças ainda mais amplas no país de origem, pois a especialização adquirida por esses estudantes no período de liminaridade provavelmente contribuirá para a construção de um outro tipo de solidariedade social em Cabo Verde, pautada pela diferenciação e não mais pela semelhança entre as partes.

Outra importante transformação possibilitada pelo afastamento da sociedade de origem diz respeito à identidade étnica. Contrariamente ao discurso elaborado sobre a mestiçagem no arquipélago, que tentou minimizar os aportes afro-negros àquela sociedade, aqui esses jovens se auto-classificam majoritariamente como negros e africanos, usam penteados afro, vestem roupas que remetem a uma África tradicional ou, dependendo do contexto, a símbolos de modernidade que tomam como referência negros americanos. Em suma, a maior parte dos estudantes busca exprimir em seus corpos uma africanidade que, para muitos, passa a fazer sentido apenas aqui. É interessante notar que, como parte desse processo, também a visão que alguns tinham sobre as relações “raciais” na

sociedade de origem foi alterada. Adotando um olhar mais crítico, uma parcela passou a questionar a idéia de que em Cabo Verde não há qualquer tipo de preconceito “racial” e destacou a manutenção de estereótipos associados aos habitantes da ilha de Santiago, considerada a “mais africana” do arquipélago.

Como foi exposto, no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, estado que abrigou a primeira universidade do país a aderir à política de reserva de vagas para negros, há atualmente uma grande visibilidade do tema “raça”, parte de um movimento mais amplo de busca por “raízes” e “origens” africanas, o que certamente influenciou os estudantes durante a estadia aqui. Nesse sentido, é possível dizer que os resultados da pesquisa conduzem a uma reflexão não apenas sobre os processos vividos pelos estudantes cabo-verdianos, mas também sobre a própria sociedade brasileira atual, da qual esses jovens podem ser considerados um reflexo. Assim, de forma a sistematizar alguns pontos mencionados ao longo da dissertação, abaixo se buscou elencar alguns fatores que tiveram influência no processo de ressignificação das identidades negra e africana por parte desses jovens e que também muito revelam sobre o Brasil de hoje. São eles:

- A descoberta de que muitos são vistos como negros e mulatos ao olhar da sociedade inclusiva e de que são alvo de um processo de estigmatização que os naturaliza como pobres e “favelados”;
- A constatação de que os brasileiros em geral desconhecem o arquipélago, o que obriga os estudantes a localizá-lo geograficamente, gerando uma expectativa em relação a manifestações de “africanidade” e “negritude”, às quais muitas vezes buscam se adequar;
- A percepção de que são frequentemente confrontados nas ruas, nos centros comerciais e até mesmo nos prédios onde moram por sutis manifestações do racismo à brasileira;
- A descoberta de uma “África” no Brasil, que desconheciam em Cabo Verde;
- A percepção de que há no ambiente universitário, no qual estão inseridos, uma valorização de uma identidade afro-referenciada e o privilegiamento de uma classificação “racial”/de cor do tipo bipolar;

- O contato com outros estudantes provenientes de países da África, que aqui se encontram em posição social semelhante à deles, diferentemente do que ocorre no arquipélago.

Vários desses fatores foram destacados pelos estudantes durante as entrevistas colhidas, o que indica que esse processo, que, como se observou, é enfatizado ou minimizado de acordo com o contexto com o qual dialogam, é alvo de constante reflexão. Nesse sentido, e considerando que esses jovens futuramente vão conformar a elite intelectual do país, é possível sugerir que, ao retornarem, esses estudantes se tornem os protagonistas de um novo discurso sobre a identidade nacional cabo-verdiana, que inclua também as contribuições negras e africanas àquela sociedade.

No entanto, outra possibilidade que não deve ser descartada é a de que, ao se identificarem como negros e africanos no Rio de Janeiro, esses jovens estejam, na prática, reforçando a híbrida e plástica identidade cabo-verdiana, tal qual foi exposto anteriormente. Nesse sentido, cabe questionar até que ponto esses estudantes **estão** negros e africanos aqui, de modo a, “camaleonicamente”, se adaptarem às “cores do ambiente” no qual estão inseridos. Se esse for o caso, é possível sugerir que, enquanto constroem um olhar crítico sobre a mestiçagem e a identidade cabo-verdiana, esses jovens estão, por outro lado, reafirmando a plasticidade que lhes é constitutiva. “**Hoje** eu me sinto africana”, relatou uma estudante, apontando o caráter provisório de sua afirmação. Sobre o ontem, ela revela: “Antes de vir eu não me achava como uma africana nata, pura, eu diria, eu sou cabo-verdiana, mestiça, mistura de povo africanos e europeus, não sou uma africana pura. Todo cabo-verdiano sente isso”.